


**ADRIELE F. BALDESSIM
SABRINA H. FERIGATO**



Esta é uma criação feita a partir do mestrado profissional em Políticas e Gestão em Saúde Coletiva defendido em fevereiro de 2019 nas dependências da Faculdade de Ciências Médicas, no departamento de Saúde Coletiva na UNICAMP - Campinas - SP . A dissertação completa está disponível no acervo de dissertações e teses da UNICAMP:

BALDESSIM, Adriele Fernanda. **Dê que vocês brincavam?:** Uma cartografia sobre os brinquedos e brincadeiras de trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil localizado no interior de São Paulo. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Mestrado Profissionalizante em Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas, 2019.

O que de nós tornaremos público : uma narrativa brincante

O LIVREto que você tem em mãos é uma tentATIVA de fazer circular uma nova produção sobre a infância, entre trabalhadores, investigadores do cotidiano, equipes, gestores, pesquisadores e curiosos interessados pelo tema da infância e da adolescência. Interessa essa invenção aos que se referenciam pelo brincar como algo sério e pelas lembranças de sua infância.

O material disponível a seguir é a adaptação de um dos capítulos do mestrado profissional citado acima. Para que o mesmo pudesse tomar o corpo do texto atual os sujeitos que participaram desta pesquisa foram essenciais e centrais. Gostaríamos de destacar, então, que os participantes desta pesquisa foram corajosos ao falar de si e das relações sociais, econômicas e de um dado momento histórico no qual estavam inseridos quando crianças e adolescentes.

Um brinquedo ou uma brincadeira fala sobre aquele que brinca, como fala, também, de uma dada conexão com a sociedade da época e com a de agora. É uma lembrança. É também uma confiança sensível que brota da possibilidade de falar de si. E por esses motivos temos profunda responsabilidade como pesquisadoras com o que estamos trazendo aqui. É pela aposta que produzimos uma pesquisa dando passagem às lembranças de brinquedos e brincadeiras, à possibilidade de revisitar-nos, dando-se língua aos afetos e colhendo seus efeitos, que agradecemos a esses participantes que conosco estiveram e que foram, um a um, imprescindíveis!

Esclarecemos que seus nomes foram modificados e cada um dos sete participantes escolheu para si um outro modo para serem aqui nomeados. O local de trabalho no qual fora feito o convite à participação para a pesquisa também não será divulgado. O que interessa para nós não é o nome desses sujeitos, nem o local de trabalho, mas o convite é pela possibilidade de falar-rememorar, de habilitar-se, e de habitar uma outra experiência, uma outra conexão, tornar algo público para si e para o outro, descobrir, revisitá-lo, dissociá-lo em nossos engessamentos e rigidezes e, quem sabe, transmitir uma realidade mais possível, como os testemunhos sensíveis confiados a nós ao longo destes relatos.

Ainda sobre a coletividade que sustentou e fez nascer este LIVREto, agradecemos a parceria que fez possível a editoração deste material: Alynne Albuquerque.

Citamos, também, o acesso às obras de Candido Portinari que trouxeram colorido e vida para este LIVREto. Para encontrar as obras do autor disponíveis ao longo deste texto, bem como outras produções, deixamos o seguinte link: <http://www.portinari.org.br/>.

A você, leitor, fica registrado o convite a lembrar de si. Façamos, então, a pergunta que deu início a entrevistas que produziram este LIVREto:

do que brincava você?




MENINO COM PIÃO - PORTINARI, RJ, 1947.

ÍNDICE



Composições que o destino fez: pela oportunidade de deixar-se apoiar.....	5
“O que de nós tornaremos público”: narrativas brincantes.....	7
Limites, fronteiras, e regionalidades.....	10
Brinquedos de plástico, brinquedos inventados, brinquedos que marcam e “brinquedos de marca”	15
Duas ou três contribuições sobre o brincar e estratégias para ludicizar-se.	20
Referências bibliográficas utilizadas.....	25

A painting depicting a group of children of various ethnicities holding hands in a circle on a dirt ground. In the background, a coastal town with white buildings and a red-roofed structure is visible under a cloudy sky. The painting has a textured, expressive style.

Composições que o destino fez:
pela oportunidade de deixar-se
apoiar

Composições que o destino fez: pela oportunidade de deixar-se apoiar

Moveu-me à escrita do mestrado a ideia latente de que tínhamos muito a falar sobre nós. Nós, na labuta diária com meninos e meninas, no amplo campo da saúde mental infantil, falávamos timidamente de como esse nosso trabalho valoroso, duro, e ainda assim apaixonante, dispara sem controle a possibilidade de lembrarmos de nós. Daí, coloquei-me a pensar: como fazer?


Foi escrevendo sobre mim, e na leitura do que era meu processo de trabalho como psicóloga que escorrega, quase sempre quase caindo, pelos corredores do CAPSIJ (centro de atenção psicossocial infantojuvenil) onde trabalho que me dei conta de que um mestrado era um possível canal de expressão sobre o brincar e os processos de resgate e lembrança. Dentre uma clínica cheia de tintas, pernas de pau, brigadeiro e muita pipoca, coloquei duas amigas a pensar comigo como fazer. Feita a elas a função de me ajudar a acreditar, mergulhamos juntas nesta minha ideia e fui, então, convocando outras forças pensantes para embarcar nessa rota, na aposta de que descobriríamos o roteiro durante o trajeto.

Apoiada por tais companhias e companheiras, fui fazendo escolhas e trazendo mais cabeças pensantes para que não ficasse, como nunca fico, sozinha no modo como penso que deve ser a Saúde Pública de gente pequena, média, e grande, os usuários de 0 a inúmeros anos que estão pelo nosso serviço... O mundo-mistura. Os trabalhadores com quem conversei estão aqui misturados, as pessoas atendidas por nós, as crianças que todos fomos um dia, também. Escrita também fruto de mistura, aqui, nada fiz sozinha. Não poucas, mas várias vezes, o texto que você lê passou também pela leitura criteriosa de um número grande de pessoas, estava aí também a oportunidade para que eu pudesse pedir, e receber ajuda.

Dentre as muitas escolhas que um mestrado pede que sua autora faça, escolhi por compor, portanto. Como numa dada música, tive a generosa companhia de muitas dúvidas, e apoio de parceiros os quais não posso deixar de dizer. Cabe a mim reconhecer que estranho seria ser autora deste LIVREto sem reconhecer que sou a ferramenta de escrever, apenas. O que cabe ao meu corpo: ser mão (e o corretor insiste dizer “ser mãe”) que digita e cognição que veicula ideias. Este trabalho, sem sombra de qualquer dúvida, jamais foi meu, apenas.

Lá vou eu, então, apresentar o que estará ali logo a seguir. Começamos lá naquela manhã no apoio entre amigas. De lá para cá, via-me às voltas com a possibilidade de tornar o texto que estava a produzir tomar o corpo de um artigo e só. Não estava feliz. Convivia com colegas de mestrado e suas criações visuais, seus produtos e produções que jamais ficariam confinados a forma texto tão querido pelo mundo pouco sensual e dialógico das agências de fomento à pesquisa brasileira. Jamais me interessou fazer nascer uma dissertação que coubesse apenas na forma de um artigo. Como jamais me interessou, ora, que um mestrado profissional tivesse o malgrado destino de estacionar em uma biblioteca e lá empoeirar-se. Pois fomos lá, mergulhadas nestas inquietações, criadora, orientadora e criatura, e fizeram existir este material, daí nascera este LIVREto.

Logo mais, em três porções de texto está aí o material confeccionado. Escolha você o seu jeito de ler. Este é um material para ser tocado pelo prazer, não pela obrigação de estudar. Dobre, amasse, pinte e rasgue, a responsabilidade é sua. No mais, a seguir, e desfrute!



“O que de nós tornaremos público”: narrativas brincantes

“O que de nós tornaremos público”: narrativas brincantes

Muito inquietou estas autoras o modo como poderíamos trazer os depoimentos colhidos por nós. Certamente, instigadas e curiosas, querendo encontrar o melhor modo para trazer este conteúdo aqui, encontramos um certo jeito de narrar que pareceu o mais sensato e alinhado à cartografia que fora o método escolhido para a pesquisa que deu origem a este LIVREto. Escolhemos contar o que nos contaram utilizando o próprio modo de narrar de nossos participantes. Ao retomar as entrevistas encontramos, página a página, brincadeiras que já não são conhecidas, reflexões que escapam de qualquer artigo científico ou documento institucional norteador. Apresentava-se um certo modo particular de reviver e agrupar suas brincadeiras, misturando experiências passadas e atuais. O que atravessa tais entrevistas, realizada com psicólogos, técnicos de enfermagem, psiquiatras, terapeutas ocupacionais e auxiliares de higiene, fora o protagonismo da brincadeira, do brincar, como artigo sério à clínica infantojuvenil.

Aos nossos olhos saltaram três grandes temas que se alinhavam às diferentes histórias de vida que aqui estão. Foi assim que escolhemos notar e anotar este texto. De diferentes modos Lia, Branco, Sonhadora, João, Valéria, Amy Adams e Clarice nos disseram como viveram suas brincadeiras e contribuíram para iluminar brincadeiras que já não fazem parte do repertório brincante dos usuários de qualquer CAPSIJ de Campinas, ou do cotidiano de qualquer município de Campinas. Qual criança desta cidade urbana experiência sua infância brincando em uma voçoroca como fez Lia, por exemplo?

Então, faremos assim: trazemos os trechos das entrevistas que abrigam o brincar de diferentes épocas, territórios e diferentes formas de existir e produzir cenários lúdicos. Monta-se, assim, as marcas de um certo mapa. De Valinhos à Minas Gerais, da zona Leste de São Paulo à Araraquara, passamos por Santos, Pernambuco, e outras cidades do interior de São Paulo.

Clarice pergunta em um de nossos encontros: O que aquela cidade me oferecia? O Jardim das Margaridas, “Z/L” abrigo da nação Corinthiana trazia a ela o cotidiano de menina pobre enquanto Minas Gerais e a pequena Divinópolis trouxe a bicicleta e a possibilidade de exercitar a liberdade. Então, dali, fomos pensando em que um mapa concreto se conectava aos nossos participantes. Marcado estava um tópico: *Limites, fronteiras e regionalidades*.

Em outro momento, durante a entrevista de Sonhadora, escutamos falar sobre brincadeiras inventadas e brinquedos “de verdade”. Com o termo “brinquedos de verdade” resolvemos abrir este diálogo e criamos uma outra conexão para a história de Sonhadora e a dos demais participantes. Coloca-se, possível, partindo dessa escolha por evidenciar o que narra Sonhadora encontramos, então: *Brinquedos de plástico, brinquedos inventados, brinquedos que marcam e brinquedos de marca*.

Ao retomar o conteúdo das entrevistas ocupou-nos refletir sobre a possibilidade de traçar planos de diálogo entre as lembranças e a possibilidade de falar sobre o que é o brincar para dentro de uma instituição de saúde. Processo que não é tão simples, como cita Lia: “Questão difícil, hein!” Escolhemos por trazer algumas dessas reflexões feitas por estes sujeitos em uma tentativa de precisar e restituir à saúde coletiva o que pensa, conta e vive-se no cotidiano de um serviço público de saúde mental infanto juvenil, onde encontram-se diferenças de idade, de gênero, de classes sociais, diferenças culturais e também diferentes experiências sobre o brincar que se atualizam para alguns como prática clínica/dispositivo clínico, para outros como tratamento, e para outros como uma genuína brincadeira. Assim, pretende-se, também, modular e trocar experiências entre trabalhadores, visto a circulação possível deste material. Além disso, trazemos, também, diferenças e aproximações ao pensar o brincar dentro do processo de trabalho de cada um desses participantes. Nos perguntamos: o que pode produzir uma pesquisa? Cabe pensar se não colhemos o efeito de trazer histórias de vida como um bom combustível ao campo de criação e produção de conhecimento sobre os diferentes modos de alimentar-se para o trabalho.

Em nosso modo de ver essas narrativas encontramos não meros atores/espectadores de uma certa clínica dentro da esfera tão ameaçada pela onda conservadora pela qual vive o nosso país e que em muito abala a saúde mental, alinhavada a Luta Antimanicomial. O que encontramos, aqui, fora a oportunidade de conhecer e aprender sobre outros modos de pensar o trabalho partindo da ludicidade como dispositivo. Por isso, por acreditar na potência de criar e pensar sobre si, narrar-se, trazemos à baila para finalizar *duas ou três contribuições sobre o brincar e estratégias para ludicizar-se*.

Para finalizar, expliquemos o porquê deste título. Bem, questão capciosa, o que de mim quero tornar público? - Com essa pergunta que tivemos que nos haver durante uma das entrevistas. Estaria aqui alguma possibilidade de tornar possível criar linhas de comunicação entre o que nos habita intimamente e o que consideramos mostrar, expressar ao outro? Público e público. Acesso livre, afetos privados. Naquele momento, um arrepio, a reflexão pulsou, não a deixemos escapar, logo, havia nascido o título para nosso LIVREto.

Entre, pense:

o que de si você quer tornar público?



Limites, fronteiras, e
regionalidades

Limites, fronteiras, e regionalidades


Eram João, Clarice, Branco, Valéria, Amy Adams, Lia e Sonhadora. Todos eles emprestam um pouco do que viveram para nos contar como poderiam, facilmente, terem se encontrado quando crianças, pois mergulhados estavam em um certo território geográfico e também afetivo¹. Moradores de Araraquara, Pernambuco, Campinas, Valinhos, Casa Branca, Santos, São Paulo e outras cidades do interior do estado de São Paulo. Como sugere Fonseca (2017), é notável a existência de conectores distintos na tentativa de traçar limites e proximidades entre um determinado grupo. Assim, remanejamos-se experiências, constroem-se identidades, mapas que se movem na companhia da substância da memória. Para dois dos entrevistados, por exemplo, a memória transforma, como cita João, ou desintensifica, como narra Branco.

No exercício de provocar encontros pelas vias das experiências coletivas cabe retomar parte das entrevistas realizadas na procura por pontos com os quais podemos dialogar. Em uma delas, Branco, como quer ser chamado um dos entrevistados, viveu intensamente, quando ainda criança, o cotidiano de uma cidade localizada no interior de São Paulo. Nesta cidade, município no qual o programa do governo federal, PROALCOOL fez investimentos maciços, o participante experimentava as paredes quentes de sua casa, aquecidas pela chama do canavial ardendo pelo fogo. Sobre as brincadeiras, o participante diz:

“Hoje eu percebo que, na verdade, tudo que está posto como questão, já era posto naquela época. E, no mínimo, as brincadeiras puseram todas as questões”. [...] E, as brincadeiras nascem da rua, nascem assim [...].”

O entrevistado, vivia sob efeito de um determinado sistema econômico datado da década de 90 que acentuava a produção de etanol no centro-oeste paulistano. Então, as brincadeiras ali colocadas, os viventes daquele espaço, viveram o efeito desta economia, dentre outros atravessamentos. Era, por exemplo, contra o time da usina de processamento de cana que o garoto e seu time podiam jogar bola. E o que faziam se, no dia da disputa para o campeonato amador, amanhecia chovendo? “Eu me lembro que todo mundo começou a desenhar sol! [...] O que vai ser da gente!”, relembra Branco. Como relata João em sua entrevista: “Criança inventa!”.

¹ Território como aponta Quarente (1994, p. 26-27), território intensivo, existencial, potência e matéria de criação, expressão de modos de existir, de novos começos e da própria fabricação de mundos [...]. Ainda que caiba pensar, também, a noção geográfica de território ou as dimensões sanitárias, tão caras à saúde coletiva, para esta pesquisa não entraremos em profundidade nestes tópicos. Fica delimitada apenas a noção existencial, trazida pela autora citada, quanto ao uso do território, que é a que parece responder às nossas expectativas para o atual bloco.



Se para Branco as traquinagens tinham os limites colocados por Dona Vida - a avó - para João, as peraltices se encontravam pelas redondezas da Escola Murilo Braga, localizada em Jaboatão dos Guararapes/PE. Foi no caminho por esta escola que João, como um cartógrafo de olhar atento ao seu percurso, arranhou para si aulas de piano com uma moradora da redondeza. João lembra: “não existia risco, nem nada! [...] A nossa rua era particular!”. Cabia também nesta época, para brincar, obviamente, pular a janela de casa para brincar na rua e voltar antes de sua irmã perceber, relembra João, “Acho que ela não sabe dessa história até hoje!”.

Em Pernambuco, fazia-se possível uma outra relação com a rua, ao que parece. Como possível era, na parceria com outros meninos e meninas, criar. “Teve uma época que a gente inventou de fazer caça ao tesouro”, diz. João nos fala também sobre a chegada da televisão em sua família e qual o impacto deste objeto em sua vizinhança,

“Uma coisa interessante também é que na época não tinha televisão no Brasil... estava começando a chegar. Na minha rua lá, [...] tinha quatro pessoas que já tinham televisão em casa. Quando chegou essa novidade de televisão a gente brincava até umas dez horas da noite e depois ficava na casa desse pessoal que tinha televisão [...]. Então a televisão acabou tirando a gente da rua.”.

No enamoramento com a rua, com a invenção e com os experimentos lúdicos distantes da televisão está o que também narra Sonhadora. Nesse encontro de infâncias que se cruzam, em que se conectam as lembranças passadas de encontros entre comunidades de chacaredos, que é o que apresenta Sonhadora, outro cotidiano é presente nesta cartografia. Sonhadora fala do lugar de criança negra que cresceu no interior do estado de São Paulo, nas redondezas de Campinas, em cidadezinhas menores, especificamente. A entrevistada, que é profissional de apoio e da organização de uma empresa terceirizada que presta serviço para um CAPSIJ, destaca dentre tantas lembranças o que fora o cotidiano permeado por brincadeiras inventadas no roçado de milho, com galhos e folhas que se tornavam brinquedos, mas não, como diz ela, “brinquedos de verdade”.

Da vida de criança que brincava de cuidar dos irmãos e que, ainda criança, brincava de trabalhar e trabalhava brincando, Sonhadora traz um colorido diferente a este trecho. Desprende-se da narrativa, embaralha a vida de criança com a vida com crianças, sai fora do eixo, como ela mesmo diz e, desse modo, explica a nós que é assim, saindo fora do eixo para dentro do CAPSIJ que a trabalhadora tem conseguido brincar. Da sua alegria, marca constante de sua entrevista de quase 1h10min, fica aquilo que transborda e toca, como tocou no dia da entrevista, a trajetória dos meninos e meninas usuários do CAPSIJ no qual ela trabalha. Nota-se que essa entrevista guarda em si pequenas particularidades que a escrita não expressa em sua forma e riqueza. No campo de forças que marca o mapa entre cidades, limites, fronteiras e transversalidades, que estamos aqui a fazer, Sonhadora se descreve como alguém que estava procurando um trabalho como o que tem hoje e que achou sem saber que estava a procura de algo como o que faz agora.

A entrevistada, longe de trilhar um caminho cartográfico de forma intencional, o faz, do ponto de vista experimental. Notamos, ao encontrar este trecho, que estávamos aqui diante de uma descoberta preciosa. Lembrávamos, então, do que nos parece ser um advento da serendipidade². Sonhadora, tal como os príncipes que dão nome à lenda dos três príncipes de serendipie, encontra seus tesouros a partir dos acasos da vida e dos olhos atentos a reconhecê-los.


Ao conectar narrativas e intercambiar experiências para narrar, como cita Benjamin (1987), outros movimentos geoterritoriais se lançam na esteira do que diz Sonhadora e das cidades pequenas que abrigaram experiências, trajetos e trajetórias. Clarice liga-se, tal como Sonhadora à natureza, misturada à infância. Da metrópole paulistana às pequenas cidades de Minas Gerais: de Delfinópolis à São Sebastião do Paraíso. Da infância no quintal da dona Luiza, Clarice conta das vezes em que explorava o quintal ainda que sob o risco de enfiar o pé em um prego como bem o fez e corpo-brincante, aquecido, não sentiu. Nesse território, ainda na capital paulistana a entrevistada relembra as brincadeiras de garota advinda da família com poucos recursos financeiros que colhia da vizinhança objetos para ludicizar seu cotidiano, no bairro pobre e de nome poético, Jardim das Margaridas. A depoente conta ter vivido a brincadeira inventada, mas não o brinquedo comprado, “Eu me lembro da gente brincando, mas brinquedo quase nada”. É na mudança para Minas Gerais, na pequena Delfinópolis, cujo pequeno espaço geográfico comportava 7 mil habitantes na época que Clarice cita, com um respiro que a digitação deste texto não comporta narrar, “Tinha espaço ali!”, conta.

Estava aí o que marca o trajeto geoterritorial desta entrevistada, Clarice traz não em um, mas em vários momentos de sua entrevista as marcas de uma infância livre. Livre como também eram as bolas que, como cita Clarice, eram atropeladas pelos carros para comoção da garotada do bairro.

“Essas mudanças de cidade mudam tudo, né. Mudam o contexto, toda a rede... tudo! De São Paulo eu não consigo nem imaginar! De Delfinópolis eu consigo imaginar um pouquinho. Se eu tivesse continuado lá como seria minha vida. De São Paulo não. De Paraíso também...”.


² Lacaz-Ruiz menciona que este termo surge durante a troca de cartas entre Horace Walpole (1717-1797) e Sir Horace Mann; estes relatam um conto chamado "Os Três Príncipes de Serendip" (ou Serendib, o antigo nome do Ceilão, atual Sri Lanka), que sempre descobriam coisas ao acaso. Lacaz-Ruiz (1997) conta que os três príncipes foram convocados por seu pai para comparecer ao leito de morte deste. O rei os avisa que um nobre tesouro está enterrado em suas terras, muito próximo da superfície. Os filhos então passam a cavar a terra remexendo-a incessantemente sem sucesso para com a nobre fortuna, mas, por um bom período nunca houveram terras tão férteis naquele reinado. Conta-se, então, que a palavra *serendipite* nasce justamente de descobertas feitas ao acaso em homenagem aos príncipes que procuravam o tesouro e encontraram colheita abundante. Segundo o autor, vários outros adventos podem ser conceituados como serendipidades, como é o caso da descoberta da penicilina, ou até mesmo da sucrilhos *corn-flakes*, descobertos após os irmãos Kellogs esquecerem milho no forno em 1848, temos também Charles Goodyear que após deixar borracha escolar cair na frigideira descobriu a borracha vulcanizada.





Outra marca sobre essa fase da vida no encontro com o brincar fora marcada pelo uso de óculos. Ainda que o corpo esteja para o brincar como abrigo de energia, instrumental e experimentação, comporta, também, possíveis impedimentos à criança que necessita cuidados especiais. Para Clarice, por exemplo, as brincadeiras com bola, aquelas em que ela poderia bater a cabeça, ou mesmo as brincadeiras com água eram mais difíceis devido ao alto grau de miopia. “Na água eu era muito limitada também”, cita. Cabia, então, o experimento de jogos, jogos de carta. Novamente, cabem as palavras de João: criança inventa! Ou ainda, parafraseando o que conta a entrevistada sobre si: A minha forma de brincar sempre foi muito livre!

No que toca a liberdade, a geografia e a semelhança entre as trajetórias brincantes aqui colocadas, está o que narra Lia. A morada da infância de Lia traz aqui os experimentos de quem cresceu em Santos, cidade praiana do litoral paulistano. Cabia à família numerosa, apresentada pela participante, a caminhada entre outras cidades além dessa e que traziam, também, a possibilidade de brincarem em uma voçoroca, que é uma espécie de lamaçal, como cita Lia. Outra brincadeira narrada por Lia e por praticamente todos os entrevistados é o famoso Bétis ou Taco. Brincadeira que se infiltra na territorialidade e nos recortes etários. Ainda que Valéria e João tenham idades completamente díspares, esta brincadeira perpassa todas as idades, contextos e regionalidades. Com a inquietação de Lia, fechamos este tema para entrarmos em nosso próximo assunto. Ficamos, então, com a pergunta feita por ela ao final de sua entrevista: “Será que as crianças fazem o que eu fazia quando eu era criança?”



Brinquedos de plástico,
brinquedos inventados,
brinquedos que marcam e
“brinquedos de marca”

Brinquedos de plástico, brinquedos inventados, brinquedos que marcam e “brinquedos de marca”

No que escreve Bosi (2003), está um elemento para podermos iniciar este trecho. Para a autora, a casa onde se encontra uma criança é recheada de coisas preciosas impossíveis de precisar em valor, coisas modeladas, que dizem sobre o que fomos, entramos no universo dos brinquedos e é por aqui que daremos seguimento. Por entre bonecas feitas de milho, nas bonecas emprestadas de vizinhos, deixadas de lado, ou pelas *Barbies* guardadas até hoje como narra Amy Adams, que começamos a tocar no universo dos brinquedos que marcam e nos brinquedos de marca.

Neste resgate, permite-se não só manipular brinquedos e brincadeiras no interior de uma casa, para Brougère (2010), autor francês, tão distante do que produzimos aqui, mas efetivo pensante a nos acompanhar, investigando e trazendo elementos para nossa cartografia, está colocado que, ao manipular brinquedos presente está, também, a possibilidade de tocar em códigos culturais e sociais. Nota-se, por exemplo, as diferenças estéticas entre brinquedos de menino e de menina.

Retomando nossas entrevistas, encontramos a morada dessa questão se traçamos uma fina linha que toca este tema, podemos ver que as mulheres, cinco ao todo, apresentam bonecas como uma brincadeira, mas marcam, logo em seguida, se gostavam ou não delas. Sobre as misturas provocadas pelas grupalidades infantojuvenis que brincam, está para o entrevistado João dizer que todos brincavam muito juntos. O que nos chama a atenção não é a mistura ou a separação entre gênero e brinquedos, mas o modo como as entrevistadas lançam, logo em seguida, a trazer uma boneca à cena, que não é natural que meninas gostem de bonecas. Como diz Valéria, “*eu achava meio um saco!*”. Ainda assim, frente às *Barbies*, trazidas pela amiga que gostava da famosa boneca e ela não, também se colocava outro arranjo. Por gostar de natureza, fingia-se que eram biólogas, brincando em jardins, enterrando bichinhos, ou mesmo, fazendo misturas com folhas que hoje Valéria nomeia como “extratos”. Vale lembrar que esta entrevistada, a mais jovem de todos os entrevistados, é técnica de enfermagem e estuda farmácia. Há também outros brinquedos nessas entrevistas e que podem ser olhadas sob o ponto de vista das marcas, pelas marcas de jogos (como cita Branco em sua entrevista “*jogos mais eletrônicos e de cunho virtual*”) como *Donkey Kong*, *Mega Drive*, *Nintendo*, *Barbies*, *Ken* e brincadeiras de tabuleiros. Criança mistura o que é de marca e o que marca.

Na esteira deste tema, João insere uma questão capciosa. Desvela que há no brincar e nos brinquedos um certo cotidiano em disputa: inventar, comprar, criar, fantasiar e também, *status!* Em suas lembranças,

[...] tudo era de plástico. Não era brinquedo criado pela gente, já foi fabricado. Mas a gente sempre foi de fazer. Fazia patinete. Carrinho a gente fazia tipo assim: juntava lata de leite, enchia de areia, juntava com um arame, fazia um cabresto e juntava uma na outra, várias! E quanto mais se tinha, mais você tinha é, como que se diz? Status!”.

Lendo esse trecho um grato autor faz surgir, junto ao que fala João, inquietações para avançarmos. Walter Benjamin (2009) nos remete ao equívoco que é acreditar que o brinquedo dispara a imaginação, alerta que, dá-se o contrário. A criança constrói uma desterritorialização do brinquedo, faz surgir outra coisa ali, a partir de um fiapo de qualquer coisa:


Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva. (BENJAMIN, 2009, p. 93).

Aquecidas por histórias, cujas brincadeiras vivem, lendo a transcrição de uma das sete entrevistas realizadas, encontramos o que nos parece ser um campo habitado por paradoxos. Naquilo que cabe a fala que traz uma certa narrativa que faz caber o brincar embebido de desenhos, costuras de roupinhas de bonecas, massinhas e coleções – guardadas até hoje – de *Barbies*, Amy Adams parece encarnar um cotidiano de brinquedos de marca e brinquedos que marcam. Narrativa que faz habitar um paradoxo, uma vez que é por brinquedos que marcam épocas e também o cotidiano infantojuvenil de outras entrevistas que brincavam também, elas e essa mestranda, como o “elástico”, faz também caber as brincadeiras com massinha, bichinhos de pelúcia e as famigeradas *Barbies* que habitavam as histórias de vida desta entrevistada e que criava estórias inventadas, fazendo caber personagens que trabalhavam muito, como ela diz. Que tinham carros e casas, que faziam faculdade, e que na companhia de sua tia e amiga à época, manuseavam esse brinquedo de marca para marcar elas mesmas, suas lembranças.

Nota-se aqui um ponto importante desta cartografia. Ao mapear campos de força e balizas que podem passar despercebidas aos nossos olhos, está em curso uma dada conexão com o processo de industrialização do mercado de produção, venda de brinquedos e aquilo que fora citado anteriormente na nota sobre Benjamin (2009). Gostaríamos de dar destaque para a habilidade da indústria em sequestrar símbolos e fazer vender experiências lúdicas, e ainda assim, encontram campos de resistência. Ora, se uma dada *Barbie* ganha o brilho e o glamour da sociedade atual, evidencia, também, certa inclinação branca e loira. Traz destaques ao corpo magro e branco da boneca, faz denunciar, então, uma dada hegemonia de classe, e o destaque a pele clara. A criança, na sua condição de franca aprendizagem e criação, nota a boneca branca, quer ela também ser branca, como quer, também, inventar sob a frente branca e europeia da boneca, um mar de estórias criadas a partir de seu cotidiano. A *Barbie*, o *Pokémon*, o *Digimon*, o Tazo, brinquedos estes trazidos pela fala de Valéria, habitam uma marca, e uma outra marca que produz marcas, faz inventar uma outra estória, essa sim, incontrolável pela indústria responsável por comercializar tais marcas.

Ao trazer a capacidade criativa, e os tais avatares situados nas brincadeiras de monstros como *Digimons* e *Pokémons*, outra participante faz conexão com a criação e aquilo que não se controla, a capacidade de criar saídas e invenções.





Na companhia do que fala Lia, “Criança que não tem o que fazer, arranja o que fazer!” Valéria introduz uma brincadeira-narrativa nova. Apresenta o que era sua adolescência mergulhada no universo dos FANFICS. Essas narrativas de ficção inventadas, singulares e criadas livremente, ao que parecem, fazem iluminar a frente dessa entrevistada de modo a fazer surgir o interesse desta pesquisadora – de rosto que também há de se ter iluminado pela alegria da entrevistada - em acompanhar na tela do celular FANFICS em um aplicativo. Gerações e interesses interligados, foi falando de um desses FANFICS que mestranda e entrevistadas encontraram ali um recurso para o trabalho de ambas. Um FANFIC traz um colorido à pesquisa, ao descobrir uma narrativa inventada para brincar e criar estórias, os FANFICS. Ganha a psicóloga Adriele que conhece um novo recurso terapêutico na tarefa de fazer fala, o que ainda sobre si não se sabe. E ganha Valéria,

“Você me deu uma super ideia agora. Porque eu trabalho com um grupo de meninas. Aqui a gente tem um grupo de meninas e a gente meio que selecionou essas meninas por causa do que elas já viveram. Então, sei lá, algum relacionamento muito abusivo, ou alguma relação de muita dependência com algum garoto, ou com alguma garota e aí a gente fala sobre essas coisas, e sobre o machismo de hoje em dia e de sempre, enfim. E aí, nossa, eu poderia usar isso, né. Fazer uma sessão de FANFICS com todo mundo”.

Branco, em sua entrevista traz também o que parece um importante ponto para pensar a atualidade. O psicólogo conta das aventuras de quem, com um grupo de meninos, inventou um time de *Hockey* e lá foram os garotos a procurar restos de canos pela vizinhança na tentativa de fazer, artesanalmente, caneleiras. Plano naufragado, segundo ele, e que traz no bojo desta experiência, questões éticas e até mesmo morais ao vasculhar quintais alheios junto com a meninada da rua. Aquecido por essa aventura, quando perguntamos sobre comportamentos que seriam hoje medicalizados, e agrupados em uma dada psicopatologia, o entrevistado lembra quais daqueles garotos e garotas da vizinhança, ou o andarilho do bairro, seria hoje um “paciente da saúde mental”. Apresenta, então, a capacidade inventiva da rua. Capacidade que comporta, também, o abrigo às diferenças para com o “Tranquilão” ou o “Tempo lento” que eram dois moradores da cidade na qual cresceu Branco. “Tempo lento” é apresentado pelo entrevistado como o “louco” da cidade onde este cresceu. “Tranquilão”, por sua vez, era um morador de rua que acompanhava os jogos do time de futebol da cidade. Ambos estavam sintonizados aos fluxos da rua e a capacidade dessa em abrigar práticas de convivência pela via do vetor brincadeira, do vetor convivência. Pode-se dizer que está aí uma certa convivência lúdica que hoje, sabe-se bem, encontra-se expulsa dos “intervalos” da escola, não mais do “recreio”. Expulsa de áreas públicas onde se lê, constantemente: “crianças: é proibido correr”. Também expulsa está dos equipamentos de saúde, dos abrigos, dos centros de convivência? Olhando também para o espaço publicizado, a rua, também quintais, chácaras e sítios, a participante Sonhadora localiza sua infância como uma infância que se fez no sítio, longe das oportunidades da cidade. Cabia ali a oportunidade de montar brinquedos e se aventurar em árvores, ainda que isso lhe custasse machucados acometidos ao escalar mangueiras e outros pés.

Naquele tempo, segundo Sonhadora, “a gente montava os brinquedos”. O que nos conta a entrevistada, faz também conexões com a economia, e um lugar social “A gente não tinha oportunidade, né [...]”, cita Sonhadora.


Nota-se que na condição de brinquedos que marcam, brinquedos de marca, a rua como uma aposta no abrigo de brincadeiras e de pessoas que, por vezes, só encontram abrigo na rua, está, também, uma brincadeira singular que só aparece nas experiências trazidas por Branco. Destaca-se, então, a “salva”. Brincadeira brincada apenas por Branco, sem registro em buscas no google, por exemplo, faz surgir uma aposta diferente na mistura com os meninos da região. Além do que, ora, a salva, salva também uma dada disposição a cartografia, pois faz surgir o bairro, os meninos, a aposta no território.

“[...] é chamado de “salva”. Você dividia os meninos e meninas em dois grupos e, mas era... Era uma vizinhança marcada por meninos, não tinha muitas meninas eram muito poucas e eram muitos meninos e aí você dividia em dois grandes grupos e aí fazia uma cartografia do bairro assim e “pode até tal quarteirão, pode até a sorveteria e pode até lá o açougue lá em cima, tal tal tal”.

Encontra-se nesta cartografia do bairro, cartografia como geografia e organização, atenção às ruas, às casas e praças, o olhar para aqueles que na rua estão. Nesse caso, crianças e adolescentes, espalhados pelo espaço urbano em sua disposição em dar suporte à loucura que vive e se abriga na rua, como o “Tranquilão”. “Tranquilão” e “Tempo lento”, ambos sujeitos que acessavam a rua e que também foram criança um dia, e como brincavam? Nos faz pensar, ao encontrar esse sujeito presente nas lembranças de Branco, uma inquietação. Como brincava a imensidão de moradores abrigados pela rua, andarilhos vagantes, ou os famigerados usuários de crack e outras substâncias dispostos pelo espaço urbano que, comumente, se nomeou pela sociedade brasileira como “cracolândias”? Quais seriam suas lembranças infantojuvenis atravessadas pelo brincar?

O que se passou em Branco na lembrança de retomar a salva, apresentar a nós o “Tranquilão”, sua avó Vida, o time de futebol da usina, o grupo de *Hockey*, e o criativo Gabriel que liderava a garotada nas invenções que encontravam morada na rua, como os desenhos dos estádios da Copa do Mundo de Futebol de 1994? Para continuarmos as reflexões sobre o brincar e as questões sobre as lembranças que a nós foram contadas, reflexões sobre o dia a dia de trabalho de um serviço de saúde mental infantojuvenil e outros temas sobre o brincar e a vida, seguimos para a próxima tarefa.





Duas ou três contribuições
sobre o brincar e estratégias
para ludicizar-se

Duas ou três contribuições sobre o brincar e estratégias de ludicizar-se


“Estava em uma discussão na sala de equipe, eu, mestranda, psicóloga de um serviço de saúde mental infantojuvenil, e autora do mestrado que deu origem a este texto e uma colega. Discussão dura, difícil, ela é quem está mais próxima deste caso – é a técnica que faz a referência como dizemos por aqui. A usuária, uma adolescente, nos coloca em cheque por diversas vezes em nossas tentativas de cuidar dela. Conversávamos um pouco sobre os desafios encontrados para o cuidado, para o diálogo com a rede de serviços que a acompanha. Também estava na cena o diálogo sobre o procedimento cirúrgico pelo qual passava esta usuária naquele momento, o tema da Vara da Infância e da Juventude e outras coisas. A conversa rolava séria. Não vislumbramos muitas saídas. A nossa frente, um objeto qualquer, um objeto qualquer para olhos pouco atentos, ou olhos que nunca tocaram o potencial de uma lembrança, uma experiência³, a nós, um objeto aberto à ludicidade. A trabalhadora, então, interrompe a discussão no meio de uma frase e rápido, alcança o objeto da mesa dizendo: “Olha, dá pra tirar foto! É uma maquininha fotográfica” – empolgada, simula que está a me fotografar. Naquele momento digo a ela como essa cena conversa com o momento duro pelo qual passávamos com esta adolescente e se conecta, também, aos temas levantados para este mestrado. Então, disse a ela que gostaria de escrever o que via ali no texto de minha pesquisa e assim o fiz. O que me toca foi o acontecimento, a convocação que um objeto, desprezioso e solto, a sequestrar nossa atenção e a disposição em torná-lo um acessório de nossa imaginação. Da imaginação dessas duas adultas. Ludicizamos nosso cotidiano, então, e em uma piscada encontramos um jeito de não sucumbir e está feita uma saída para cuidar de nós”.

Trazemos esse trecho e por ele daremos início a esta última tarefa. De saída, salta as nossas “intensões” que fora à procura de momentos como este e que aconteceram durante as entrevistas que estávamos a procurar. Encontrando-os, trouxemos esses e começamos a pensar como trazer o que nos instigou e o que compõe naquilo que narra estes entrevistados.

Ao realizar a leitura deste material fica a tentativa de tornar a ludicidade, a brincadeira, os brinquedos, as invencionices infantojuvenis como um campo no qual desfilam corpos brincantes (como na passarela do samba, nas ruas fervendo por blocos de foliões onde se brinca o carnaval, por exemplo). Para tanto, diversos entrevistados trazem brincadeiras desaparecidas e se aproximam ou não, do que vivem ali naquele lugar onde trabalham.

Lia, por exemplo, diz de como seu pai fazia com ela “o relinho”. Pegando a menina pelos pés, a agitava como um pêndulo, cria o corpo a possibilidade de vestir de outros ângulos e de cabeça para baixo, a criança se agita. Corpo que também brinca de “papelzinho”.

³ Experiência como abertura para que algo lhe aconteça, como ensina Bondía (2002), “O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso, é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”. (BONDÍA, 2002, p. 24)



Brincar de papelzinho, brincadeira mais atual, é dobrar uma folha em uma dobradura e em cada aba, escreve-se algo. O sujeito que brinca contigo, então, escolhe um número e conta-se o número no abrir e fechar de dedos. Cairá em uma aba e aí está algo que fala sobre o futuro ou o presente do participante. Uma dessas autoras, por exemplo, quando criança, tinha nessa brincadeira a certeza de que ali estava seu futuro a depender do que o papel “adivinhou”. Lia também cita a brincadeira “cada macaco no seu galho”, “bafo”, “cilada”, “queimada”, as brincadeiras de roda... Fala de como crescer foi responsabilizar-se. Diz, também, da escola de seus filhos que investe na convivência, na ludicidade. Lia pede que façamos esse resgate, o lugar potente da escola nos processos lúdicos.

Em sua entrevista está também um desses momentos de conexão com histórias e momentos de vida. Quando a entrevistadora diz a ela que jamais imaginou que todas essas experiências caberiam no corpo daquela médica, da psiquiatra que ali estava e que por vezes parece mais séria, a entrevistada se emociona:

“Lia: Ah, com certeza os meus filhos devem achar que eu sou super brava e ... (emocionada e rindo).

Adriele: (risos) É. Eu vou gravar o áudio, eu mando pra você e você manda pra eles pra quando eles forem adultos.

Lia: (risos) Verdade! Quando eles tiverem adultos eles vão ver “olha...” Adriele: “... achavam que eu era rígida, mas olha só”...

Lia: (risos) Isso é legal! Legal mesmo! Porque aí a gente vai ver isso quando forem, sei lá, quando eles tiverem a minha idade, ouvindo a minha história, né.

Adriele: É. Será que ainda vão ter áudios quando eles tiverem?

Lia: Será que vão ter memória pra lembrar disso? (risos)

Adriele: Espero que a tecnologia não mude isso né.

Lia: Verdade! Verdade! Foi bem legal! (...).”

Valéria, na continuidade das reflexões sobre o trabalho permeado pelo brincar acredita que o que se coloca, em sua experiência brincante para dentro do CAPSIJ, é a condição de quem brinca para a criança e não com a criança. Essa mesma participante traz a inquietação e a descoberta de quem vislumbra acessar um material de sua história para trazer ao CAPSIJ, como os FANFICS, por exemplo. Soa, então, que a participante está conectada ao trabalho, completamente com o outro, não só para o outro, a mercê dele, distante deste na brincadeira. Ao brincar, ao refletir sobre si, faz-se, também, a condição de habitante de um espaço paradoxal no qual estar junto pode ser para o outro, com o outro, ou mesmo fazendo pelo outro quando necessário, é emprestar um pouco de si para a criança ou o adolescente que ainda está a descobrir suas ferramentas lúdicas.

Trazendo o aporte de ferramentas lúdicas, Sonhadora, se lhe é perguntado o que é para ela o brincar, a participante faz a seguinte ponderação: para ela a brincadeira pode ser uma ferramenta para reerguer pessoas. Lembramos, então, de Lancetti em “Clínica peripatética” no que fala o autor sobre a palavra clínica. Para ele, ao retomar a experiência antimanicomial debruçada nos diferentes conceitos sobre o que é clínica, cabe, dizer, que: “trata-se, de saída, de pôr as pessoas em pé. (LANCETTI, 2016, p. 22). Há uma teórica sobre a luta antimanicomial habitando o corpo de Sonhadora?

Continuando nas reflexões feitas por Sonhadora, encontramos outras jóias que colorem sua fala. Trazem, além das bonecas feitas com espigas de milho durante a infância, ou as apresentações nas quais a dança, o canto e a brincadeira, são cenas da convivência entre ela e seus filhos já adultos, ferramentas para pensarmos.


Para a pensadora Sonhadora, para brincar é preciso sair do eixo. Abandona-se uma posição de seriedade, deixa-se um invólucro protetor e distante, conecta-se a brincadeira para sair um pouco de si. Diz, também, como a ela, em suas incursões pelo brincar, lhe parece que brincar é continuação. Continuar a ação, como devolve a entrevistada a ela no decorrer de sua entrevista. Apresenta, então, familiares que adoeceram por se esquecerem da criança que foram um dia, e coloca a seguinte posição: há quem adoença por não terem podido ser crianças.

Ainda sobre as experiências de vida e o encontro com o cotidiano de trabalho, João, aquele mesmo que construía carrinhos de rolimã, jogava futebol e que tinha suas brincadeiras iluminadas pela lua, vê pouca condição de trazer essas referências aos seu trabalho. Para o entrevistado, há o iminente risco de que, ao manipularem objetos, haja acidentes, risco, perigo. Reconhece, também, que ter tido uma “infância bacana, bonita e gostosa contribui para eu poder brincar com eles”. E pontua, brilhantemente, que é difícil o diálogo com os adultos: “Ah, eu não consigo (parece triste ao falar disso). Eu não consigo lidar com pessoas adultas. Eu não consigo [...]”. O garoto que tinha suas brincadeiras iluminadas pela lua acredita que está no futebol, o trânsito entre o que fazem hoje em seu serviço, com os usuários daqui, e o que fazia ele, em Jabotão dos Guararapes, com os garotos daquela localidade.

Naquilo que perpassa gerações, que se transmite, está, também, os apontamentos de Branco. No encontro, na conexão entre o que fala João e o que fala Branco, começamos a apresentar o que nos parece uma importante assertiva para colocarmos final neste bloco e caminhamos, enfim, para ser chegada a hora de colocar um ponto final nesta pesquisa. O entrevistado, estudioso da psicanálise, traz a marca dos conceitos dessa teoria para sua narrativa. Ainda que não seja nosso objetivo a construção teórica sobre os temas aqui presentes é necessário reconhecer que há em curso uma relação outra com aquilo que se denomina “teoria”. As reflexões de Branco, nascidas ao falar de sua avó Vida, da intromissão da ciência, da vigilância em sua escola e, mesmo da bota ortopédica que o participante quando criança resistia em usar, trazem alguns alertas e avisos. Alertas, pois, nos coloca a possibilidade de acessarmos pistas sobre o que não fazer. E avisos sobre a riqueza do material que temos em mão, neste conjunto laborioso, coletado ao longo destas páginas onde estão estas narrativas sobre o brincar e as estratégias para ludicizar-se.

João reconhece sua dificuldade com adultos, Clarice, em sua entrevista, fala da lembrança de uma infância livre que a leva a compor materiais de forma despreziosa, liberta, no modo como se constrói como profissional da terapia ocupacional. Ambos implicam-se à tarefa de pensarem sobre si e daí, caminham. Aqui estava a aposta desta pesquisa: pensem sobre si e não se deixem calar.





Cada um de nós caminhou por suas lembranças e agora... O que fica? O que fica público? Branco introduz a questão da transmissão. O que se transmite...? Perguntamos: O que transmite... o que transmite este LIVREto? O que transmite qualquer um de nós, em nosso cotidiano de trabalho? Se para o participante a transmissão é um dever, haveremos de se pensar, com cuidado, com o que iremos transmitir às gerações futuras. Podemos trazer brincadeiras, gravar relatos como fora proposto a Lia, pode-se misturar FANFICS ao grupo de adolescentes deste equipamento, como sugere Valéria. Mas há de se ter, também, cuidado com o que se faz. Uma brincadeira aliena, coloca distância no que é divertir, também controla e comportamentaliza de forma vazia algo que é dinâmico e inventivo. Transmite-se um fantasma, coloca-se a frente os medos do adulto que acompanha crianças, ganha o jogo da manipulação e da violência. Frente a isso, a criança já não cria, mas adultiza-se, adultera-se.

Finalizando, um alerta, para ludicizar, fazer brincar, tornar brinquedo, brinquedo confeccionado à mão, comprado, virtual... Há de se ter memória das coisas. Há de se saber quem é você. Há de se ter, também, crítica a toda e qualquer forma de doutrinação, das mais evidentes, sutis e sedutoras. Finalizamos, enfim, naquilo que fala a voz deste participante:

O que se transmite, o que se transmite... Eu acho que a transmissão é um dever. Eu tenho isso como um dever, assim. Não só com as crianças do CAPS-IJ, é um dever com quem fica. Isso vai ficar com quem tiver. Precisa ter memória das coisas. Só que eu acho que não é uma memória qualquer. Eu acho que tem uma tarefa no meio. Quase uma condição que é... (silêncio). Não adianta transmitir do lugar de "mestre". A gente tem que... É quase uma dissociação. Dissociação é um termo que as pessoas não gostam de usar. Falam "aí, dissociou", é quase um sintoma, né. "A pessoa é dissociada". É, não é isso. Mas eu acho que dissociar é necessário. Dissociar em que sentido, assim...? Eu preciso dissociar aquilo que eu vivi, para não me tornar mestre. Nostálgico. Porque quem é mestre precisa de escravo. E se a gente não fez esta dissociação na própria história, na memória de infância, e se está aqui fazendo agora, sem essa dissociação, você não transmite. Você... Você doutrina.



Algumas referências bibliográficas utilizadas

Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 176 p. Coleção Espírito Crítico.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 253 p.

BONDÍA, S. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Rev. Bras. de Edu.* Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: jun. 2018.

BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial; 2003.

BROUGERÉ, G. *Brinquedo e cultura*; 8º edição. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v. 20).

FONSECA, C. Lá onde cara pálida? Pensando as glórias e os limites do campo etnográfico. *Revista Mundaú*. n. 2 2017: 96 – 118

LACAZ-RUIZ, R. *O Espírito da Serendípita*. 1997. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand4/suplem4/oesprito.htm>>. Acesso em: ago. 2018.

LANCETTI, A. A. *Clínica peripatética*. 10º edição. São Paulo: Hucitec, 2016. (coleção Saúde e loucura; 20. Série Políticas do desejo;1).

QUARENTEI, M.S. Atividades: territórios para a expressão e criação de afetos. *Boletim de Psiquiatria*. Vol 27, nº I, 1994.p. 26/27.



CÂNDIDO FERREIRA
REINTEGRANDO PESSOAS À SOCIEDADE

REALIZAÇÃO:

CONTATOS:

AUTORAS: Adriele Baldessim (adriele_baldessim@hotmail.com)
Sabrina Ferigato (sabrinaferigato@gmail.com)

PRODUÇÃO GRÁFICA: Alynne Albuquerque (albuquerque.alynne@gmail.com)